

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TEXTO LITERÁRIO: ELEMENTO DE REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA, ASPECTO PARA A CONFORMAÇÃO DE ESTUDOS SOCIOLÓGICOS DA LITERATURA\*

Murilo Chaves Vilarinho\*\*



**Resumo:** estudos sociológicos da literatura, entre suas abordagens, não só considera o texto literário como fonte de memória, mas também faz uso desse, para entender mentalidades, quotidianos sociais e histórias de um povo e contexto, por meio da representação. Esta reflexão busca discutir a relação entre texto, representação e memória, aspectos significantes para a pesquisa de estudos sociais.

**Palavras-chave:** Sociedade. Literatura. Memória. Representação.

SOME REFLECTIONS ON THE LITERARY TEXT: MEMORY REPRESENTATION ELEMENT, ASPECT FOR THE CONFORMATION OF SOCIOLOGICAL STUDIES OF THE LITERATURE

**Abstract:** *The sociological studies of literature, among its approaches, not only considers literary text as a memory source, but also makes use of it, in order to understand thinking, social quotidian and histories from a people and context, through representation. This article seeks to think about relation among text, representation, and memory, meaningful issues to social research and studies.*

**Keywords:** *Society. Literature. Memory. Representation.*

Estudos sociológicos da literatura ou uma Sociologia da Literatura<sup>1</sup> são áreas controversas de investigações, pois, por um lado, há autores como Priscilla Ferguson (1988), professora e pesquisadora da Universidade de Illinois (EUA) que enuncia que essa não está completamente estabelecida, além de não ser considerada uma cátedra acadêmica; por outro, há intelectuais como Candido (2006), que pontifica que a Sociologia da Literatura é disciplina independente, formal e autônoma.

Em face disso, acredita-se que a Sociologia da Literatura, campo científico estruturado, é capaz de redundar em análises significantes e em descobertas empíricas significantes para as Ciências Sociais, de um modo geral (CANDIDO, 2006).

\* Recebido em: 07.01.2019. Aprovado em: 15.02.2019.

\*\* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UFG. E-mail: murilochv@yahoo.com.br



Muitos questionamentos permeiam o campo de estudos sociais da literatura. Há uma gama de respostas que buscam concertar proposições e estabelecer um parâmetro homogêneo para a área. Dessa forma, reproduzem-se algumas interrogações, com finalidade pedagógica, cujas assertivas permearão, em alguma medida, a reflexão que se pretende neste texto.

Em face disso, minudencia algumas dessas perguntas, isto é, qual a origem da Sociologia da Literatura, bem como seu conceito mais bem desenvolvido, objetivo e objeto de estudos? Quais são os fundamentos sociológicos e, por conseguinte, quais seriam esses vieses de abordagem da Sociologia, em se considerando a literatura como aspecto de acesso ao passado? Qual o significado da relação entre texto, representação e memória para os estudos sociais que considera a literatura como elemento de depósito do passado contado?

O presente artigo deseja ponderar alguns apontamentos sobre a abordagem da literatura como elemento de memória, de modo não exaustivo. Desse modo, nossa finalidade é identificar o texto literário (elemento de memória) como recurso de pesquisa capaz de informar o passado.

## DA SOCIOLOGIA DA LITERATURA: ASPECTOS PRELIMINARES

Pensar a Sociologia da Literatura requer primeiramente identificar sua origem. Dessa forma, tomamos o contexto do século XVIII, quando Madame de Stael defendeu a ideia de que a literatura seria produto social e, portanto, mecanismo capaz de revelar a condição social de cada civilização (STAEEL, 1998).

Em termos de conceito, Eagleton (1978, p. 14) faz uma aproximação mais bem delineada daquilo que se propõe a Sociologia da Literatura. Assim, essa: “[...] ocupa-se com os meios de produção, distribuição e troca da literatura numa sociedade determinada. [...] Examina também textos literários do ponto de vista de sua relevância sociológica, fazendo incursões a obras literárias para extrair delas temas de interesse [...]”.

Considerando o excerto acima, verifica-se, nesse sentido, que Sociologia da Literatura é um campo de investigação que considera a literatura como celeiro a predispor objetos de análise e de ponderações os quais informam a sociedade e sobre ela.

A literatura apresenta-se como um dos campos da pesquisa social, local em que o estudioso faz seus mergulhos intelectuais, com a finalidade de captar os resquícios mais elementares que circunscreveram a vida em sociedade.

Entender a sociedade, por meio do texto literário, é um dos mais significativos objetivos da Sociologia da Literatura; assim, a literatura produzida pelo escritor apresenta-se como fonte pivô de investigação para o estudioso que pretende compreender o ambiente social em dada época, empregando informações depositadas nas tramas dos romances, das crônicas, dos contos, por exemplo.

Se as contribuições de Madame de Stael, no contexto da França revolucionária, que argumentavam em favor da abordagem do texto literário, considerando-o como recurso de análise e de entendimento da sociedade, figurou como concepção sofisticada àquela época, foi somente no século XIX que, por meio da revista *Mercure de France*<sup>2</sup>, a ideia de a literatura ser uma das expressões da sociedade capaz de representá-la aparece, de modo mais bem delimitado e plausível, para o campo da pesquisa sociológica (ARAUJO NETO, 2016).

Foi apenas no século XX, que a Sociologia da Literatura, englobando a compreensão de literatura como fonte de estudos sociais, passou a ser identificada nos meios acadêmicos, apesar de, ainda, não desfrutar de projeção. Lukács foi considerado o intelectual que estabeleceu a Sociologia da Literatura. Segundo Lucien Goldmann, o relacionamento intrínseco entre sociedade e texto literário (estéticas literárias) conforma o arcabouço teórico e metodológico de perquirição sobre a pluralidade de assuntos que tangenciam desde a análise dos discursos construídos na trama literária até a correlação entre enredo e personagens e cotidiano social.

Em geral, a sociedade continua sendo o foco das investigações. Além disso, a literatura deve ser observada pelo domínio epistemológico oriundo da Sociologia Literária, que é pautada por três ângulos\ prismas, quais sejam, o do autor, o do público consumidor de literatura e o da obra.



Estuda-se o social, levando-se em considerações quem escreveu o texto e quais seus antecedentes sociais, seu comportamento, sua mentalidade, sua temporalidade e espacialidade (CANDIDO, 2006).

O social também pode ser vislumbrado por meio de análises sobre o consumo da obra. Qual seria o perfil público consumidor, e com que periodicidade consumiam literatura? Essas perguntas, entre outras, corroboram o entendimento não só da aceitabilidade do texto, mas também de sua proeminência e influência no contexto social.

Da perspectiva da obra, o social é evidenciado nas entrelinhas da mesma. De que modo está representada a sociedade no imaginário do escritor e como isso se projeta no texto, na trama, nas personagens? O que se quer destacar no texto? Qual sua função social? Em que medida a representação é algo fidedigno ao real (CANDIDO, 2006)?

Essas perspectivas foram imaginadas por teóricos da Sociologia da Literatura, tais como Goldmann (1959; 1967), segundo o qual a concepção de mundo dos indivíduos está inserida na tessitura da obra; Williams (1961), para quem a obra de arte-literatura- é capaz de estabelecer novas estruturas de sentimentos, tendo também papel no processo social de inserção de novos valores; Eagleton (1978), cuja *Teoria do Reflexo* defende a ideia de que a realidade social é refletida pela literatura, mas de modo diferente da forma com que o espelho a reflete. A reflexão, para Eagleton, é, portanto, algo reelaborado, oblíquo; G. Lukács (1978), de acordo com o qual, a literatura lança mão de informações sobre a realidade por meio do reflexo de entendimentos obscuros.

Em face disso, pondera-se que cada qual desenvolveu epistemologias para a compreensão da relação entre literatura e sociedade, de modo convergente em alguns aspectos, todavia díspares, no que diz respeito ao enfoque da relação literatura - sociedade.

#### TEXTO LITERÁRIO, REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA

O texto literário pode ser identificado como um dos objetos culturais (elemento de cultura) mais importantes do ser humano, em se tratando de sua função promotora de concepções, bem como de subjetividades.

Dessa forma, é, por intermédio do texto escrito, que, em teoria, indivíduos díspares, em termos de conformação quotidiana de suas vidas e de suas experiências, acessam novos entendimentos e, por consequência, passam a interagir com esses os quais se apresentam como parâmetros de análise e de crítica em relação à sociedade na qual se inserem (CANDIDO, 2006).

A literatura evidentemente tem um papel sociológico, na medida em que representa realidades sociais por meio da ficção que são lidas, interpretadas, assimiladas e empregadas, quando o leitor se depara com situações de vida semelhantes àquelas representadas na trama textual.

A ação humana é captada pelo literato que a busca traduzir em escritos. O texto, nesse sentido, torna-se uma unidade produtora de cultura e de conhecimento. Ler, portanto, significa ir além das imagens e, até mesmo, da realidade. Ler, de modo hermenêutico (RICOEUR, 1986; 2007), é ter condições de observar as realidades, fazendo uso de entendimentos mais críticos. Este passa a ser identificado nas estrelinhas do escrito, porém, de modo mais cabal, astucioso e sofisticado.

Qual significado do ato de leitura de um texto, fazendo uso da hermenêutica, em Ricoeur (1986). Esse ato significa que o leitor fará uso de uma *teoria da operação da compreensão*. Além disso, ao ler, o indivíduo deve tomar o texto literário como um tipo de discurso, dispositivo capaz de captar e de dramatizar estruturas sociais, políticas, culturais, psicológicas (SCHWARCZ, 2000).

A ficção e o estilismo do autor são ferramentas significantes para se transformar o texto em um representante da reflexão sobre coisas do cotidiano; mas, não necessariamente, em um mero espaço de representação literal do real ou em uma fonte unicamente memorialística. O texto, antes de qualquer coisa, tem a função social de ensinar, de refinar, de aludir, de propor, de desafiar, de sofisticar, de denunciar, de descobrir, de ironizar.

A literatura machadiana, por exemplo, para além de representar as conjunturas social, política, comportamental do Rio de Janeiro do Império de D. Pedro II, contemplava a ácida crítica e a sofis-



ticada ironia, em contraposição ao cotidiano da sociedade escravista da Corte, a qual se pretendia europeizada e civilizada, porém era inculta, “cordial”, na concepção de Holanda (2008), ideia presente em *Raízes do Brasil*; era escravista e farisaica (BOSI, 1982, 1992; GLEDSON, 2003, 2006).

A mesma compreensão pode ser atribuída para obras de autores como Lima Barreto ou Aluísio Azevedo. Tanto este, com seu *Cortiço*, quanto aquele, com seu *Triste Fim de Policarpo Quaresma* retrataram contextos sociais do Brasil do século dezanove e, de modo mais profundo, desenvolveram críticas contundentes sobre esses, mostrando para o leitor qual a situação real, não romântica, da vida em sociedade.

Os olhares desses literatos, por exemplo, desvendavam verdades e apresentavam-nas ao público por meio do escrito, das tramas, das personagens, da ficção. A ficção não apenas representava contextos e situações da vida em sociedade, mas também as criticavam, indicando os aspectos passíveis de crítica.

A Sociologia da Literatura emerge, nesse sentido, como campo de estudos capaz de fazer jus a essa perspectiva. Refletir o social por meio de ficções e de artifícios literários, não significa transformar o romancista ou o cronista em sociólogo, mas empregar o produto desses indivíduos como recurso de pesquisa e fonte empírica de dados.

O literato, assim como qualquer pesquisador, foi à campo e coletou dados para suas ficções e textos. Seu material é tão empírico quanto o do cientista. O literato é, por conseguinte, um cientista da alma humana, porque analisa situações, desvenda obscuridades, identifica panoramas e insere-os em textos e em entrelinhas enredadas.

O literato pode empregar a hermenêutica, conforme o pensamento de Ricoeur (1986), como uma metodologia para compreensão de obras poéticas, por exemplo. Esse instrumento metodológico, um guia para se entender o discurso literário busca captar, por meio da sequência de frases, o ser do escritor e o modo como ele aborda a sociedade. Nesse sentido, codificação e decodificação são acionadas, em que o laço mimético entre palavras e ação do literato configura o texto o qual, ao ser apreciado pelo leitor, corrobora o imaginário criador a se manter presente e vivo.

Assim, por que não utilizar o material literário como recurso para entender uma sociedade e suas dinâmicas? A representação na ficção é elemento caro ao sociólogo o qual a considera viés específico de sustentação e validação de inferências sobre tipos sociais que são reflexos das personagens.

O texto literário figura-se como uma fonte de memória para o sociólogo, assim como para um historiador (RICOEUR, 2007). Dessa forma, o campo de estudos sociais da literatura assimila essa concepção e coloca-a em destaque, no que concerne à abordagem do objeto sociedade em seus vários quadrantes de reflexões e de questionamentos.

Sobre a memória, essa pode ser identificada como um rastro do passado. Que se entende por rastro?

[...] o rastro escrito, que se tornou, no plano da operação historiográfica, rastro documental; o rastro psíquico, que é preferível chamar de impressão, no sentido de afecção, deixada em nós por um acontecimento marcante ou, como se diz, chocante; enfim, o rastro cerebral, cortical, tratado pelas neurociências (RICOEUR, 2007, p. 425).

Por intermédio do excerto, pode-se afirmar que a literatura é um rastro escrito, um documento, podendo ser acessado. O acesso ao mundo do texto permite ao leitor entrever o *ter-sido* (RICOEUR, 2007). O indivíduo mergulha no universo do Outro.

Nesses elementos de memória, depara-se com materiais repletos de informações sobre o passado, sobre determinado tempo, sobre diferentes costumes, bem como mentalidades, incorporados em personagens que, nesse sentido, representam e também teatralizam aspectos provindos do cotidiano que pode ou não pode conservar similitudes e estabelecer equivalências com o mundo da vida, conforme o entendimento de Husserl (1996) sobre esse conceito.

O texto recebe do escritor sua parcela de subjetivos, traduzida em ironias ou não, as quais são expostas e ganham destaque na trama textual. O escritor conduz seu leitor, durante todo o tempo, em direção àquilo que se quer mostrar, denunciar, aludir, ensinar. Nesse sentido, o leitor terá a tarefa de tecer suas apreensões por meio da leitura dos resquícios de memória depositados nos escritos.



A obra literária pode ser compreendida como o âmbito em que se representam os reflexos da vida real, os quais não são exteriorizados de modo desprezível, segundo consta do arcabouço epistemológico da Sociologia da Literatura, quando em sua origem. Dessa forma, Eagleton (1978, p.78) afirma que:

A literatura poderia então dizer-se, não está numa relação reflexiva, simétrica, unívoca, para com o seu objeto (a realidade social). O objeto é deformado, refratado, dissolvido – reproduzido não tanto no sentido em que um espelho reproduz o seu objeto, mas, talvez, mais como uma representação teatral reproduz o texto dramático [...] a representação teatral é, manifestamente, mais do que um reflexo do texto dramático; pelo contrário (e especialmente no teatro de Bertolt Brecht), é uma transformação do texto num produto com características únicas, o que implica a sua reelaboração de acordo com as exigências e condições específicas da representação teatral [...].

A literatura representa a vida social, todavia o modo de interpretação da literatura, bem como a forma como o texto foi elaborado (sua semântica) adquirem outra conotação, à proporção que o escritor simula o que se deseja destacar no texto, mesmo que seja por meio do implícito, e para o que o leitor se deve atentar em termos de semântica da construção do discurso textual, o que não é feito de maneira altruísta e manifesta.

Sobre o discurso, Barther (1982, p. 13) diz que “[...] Todo discurso é ideologicamente marcado pela seleção que tanto o historiador quanto o romancista realizam no que se refere aos fatos presentes da realidade. Essa seleção cria um segundo sentido, que não corresponde completamente à realidade observada [...]”.

O discurso, empregado no texto literário, é marcado pela subjetividade do escritor que impregna nesse as características do *ter-sido*. Nesse sentido, a realidade torna-se ficcional, à medida que a narrativa ficcional é configurada. O tempo esquecido é reescrito e, dessa forma, a essência da narração passa a ser uma extensão do passado vivido e que, por conseguinte, foi recontado pelo literato, cujo escrito será hermeneuticamente considerado pelo leitor, empoderando o círculo que é pautado pelo processo de mimeses (RICOEUR, 2007).

Desse modo, a representação do real, por meio do ficcional, vem adquirindo destaque na Sociologia da Literatura. O texto literário traz um elemento de memória capaz de evidenciar o *ter-sido*. Esses componentes corroboram o campo de estudos da Sociologia que se propõe investigar a sociedade, fazendo uso da literatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estabelecimento da relação entre literatura e sociedade é uma ação intelectual que remonta ao final do período setecentista, quando Madame de Stael buscou entender a realidade social por intermédio de escritos literários. Essa concepção perpassou os séculos e tornou-se um dos substanciais mecanismos para a compreensão da vida em sociedade, concepção cara e notável para os estudos da Sociologia da Literatura.

A Sociologia da Literatura emerge como campo de investigação, a partir do século XIX. No século XX, por meio dos escritos de Lukács, entre outros, essa Sociologia torna-se área institucionalizada, em termos de corpus teórico-metodológico.

A representação e o texto literário, este considerado como fonte memória, apresentam-se como ferramentas primordiais para o campo da Sociologia da Literatura, o qual se propõe a discutir e refletir o cotidiano social da vida real no fluxo contínuo do tempo em narrativa ficcional.

Em se tratando de estudos da literatura pelo viés sociológico, muitos foram os intelectuais que buscaram desvendar a essência social das tramas redigidas, associando-as à realidade. Contudo, esse entendimento tem sido criticado por estudiosos que acreditam que essa concepção reduz a literatura ao mero veículo de representação social, mas o que permanece de substancial é o quanto a literatura, por meio das entrelinhas dos textos, pode representar a vida em sociedade, de modo realístico.

O modo como o autor representa realidades, mesmo que de forma ficcional, por meio das personagens, deve ser auscultado e observado, pois são as personagens, além do contexto dos romances,



contos, crônicas, por exemplo, que permitem ao leitor interagir e interpretar o ficcional, sem lançar mão do entendimento de que as representações são baseadas, em alguma medida, em algo que ocorreu ou que ocorre. São as marcas da sociedade, nesse sentido, que são inseridas nas tramas da obra por meio do imaginário do autor o qual faz uso de ironia, entre outros recursos de texto.

A literatura também cumpre o papel de fonte de memória de um tempo esquecido, segundo o pensamento de Ricoeur. Assim sendo, tendo em vista a premente perspectiva da Sociologia da Literatura de que é possível interpretar o real, fazendo uso do ficcional, o pesquisador, ao abordar o texto literário, emprega, em seus estudos, verdadeiros elementos memorialísticos, que contam sobre aquilo que o passado ocultou.

A literatura, mais do que um discurso ou um tipo de narrativa, contendo suas especificidades em nível semântico ou em estilístico, é memória e, portanto, possibilita histórias de um grupo social e de suas peculiaridades.

O texto literário, a representação no texto, e a memória evidentemente se notabilizam como o fulcro de estudos sociais da literatura e da própria história.

#### Notas

- 1 Neste trabalho, Sociologia da Literatura e estudos sociológicos ou sociais da literatura serão empregados como aspectos sinonímicos.
- 2 Revista francesa inicialmente publicada no século XVII.

#### Referências

- BOSI, Alfredo. *A máscara e a fenda*. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8.ed. São Paulo: T.A. Queiroz/Publifolha, 2006.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Edusp, 1978.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FERGUSON, Priscilla; DESAN, Philippe; GRISWOLD, Wend. Editors' Introduction: Mirrors, Frames, and Demons: Reflections on the Sociology of Literature. *Critical Inquiry*, The University of Chicago, V. 14, n. 3, The Sociology of Literature (Spring, 1988), p. 421-430.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo — Uma reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GOLDMANN, L. *Recherches dialectiques*. Paris: Gallimard, 1959.
- GOLDMANN, L. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- HUSSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ARAUJO NETO, Miguel Leocadio. *A Sociologia da Literatura: origens e questionamentos*. Disponível em: <http://www.entrelaces.ufc.br/miguel.pdf>. Acesso em: 22. nov 2016.
- RICOEUR, Paul. *Do texto à ação. Ensaios de Hermenêutica II*. Portugal: Rés Editora, 1986.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance*



brasileiro. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

STAËL Holstein, Germaine Necker Madame. *De la Littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*. Paris: Garnier, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. London: Chatto & Windus, 1961.

